

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE

AMANDA CRISTINA MARINHO CAMPOS ALVES LEITE

ELLEN CAROLINE CONDURÚ GARRIDO

**REPERCUSSÕES DAS VIVÊNCIAS ESCOLARES NA VIDA
DO JOVEM ADULTO UNIVERSITÁRIO**

Trabalho apresentado como
Requisito parcial para a conclusão
do curso de Psicologia da
Faculdade Pernambucana de Saúde

Orientação de: Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros

RECIFE

2019

REPERCUSSÕES DAS VIVÊNCIAS ESCOLARES NA VIDA DO JOVEM ADULTO UNIVERSITÁRIO

Repercussions of school experiences in the lives of young university adults

Repercusiones de experiencias escolares en la vida de jóvenes adultos de la universidad

AMANDA CRISTINA MARINHO CAMPOS ALVES LEITE

Autora do trabalho & graduanda em Psicologia na Faculdade Pernambucana de Saúde.

E-mail: acamposmarinho@hotmail.com

Telefone: 87 9927-1438

ELLEN CAROLINE CONDURÚ GARRIDO

Autora do trabalho & graduanda em Psicologia na Faculdade Pernambucana de Saúde.

E-mail: ecarolinegarrido@outlook.com

Telefone: 81 9 9728-2137

CLARISSA MARIA DUBEUX LOPES BARROS

Orientadora do trabalho. Possui graduação em Psicologia, especialização e mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco e doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba, com período sanduíche no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. É Psicoterapeuta em consultório particular e Tutora da Faculdade Pernambucana de Saúde, no curso de graduação em Psicologia e pós-graduação em Psicologia da Saúde.

E-mail: claramabarros@gmail.com

Telefone: 81 9 8891-8552

Resumo

O registro das vivências escolares pode servir para descrever, caracterizar e analisar histórias de vida. Quando a escola é recordada, os jovens adultos se deparam com um conteúdo repleto de cores, sons e personagens que compuseram o que hoje é um universitário com distintas vivências e responsabilidades, experiências estas que comumente mantêm-se preservadas na memória autobiográfica. Este trabalho retrata a repercussão das vivências escolares da segunda e terceira infância na vida de jovens adultos universitários, revelando se essas vivências continuam influenciando o jovem atualmente. Para chegar aos resultados, foi realizada uma pesquisa qualitativa com dez universitários entre 20 e 25 anos, matriculados nos cursos de uma faculdade privada de Pernambuco. Os resultados foram obtidos pela análise de três categorias emergentes nos discursos: memórias das vivências escolares na infância; permanência de vínculos; e metodologias de ensino, que confirmaram a importância das vivências na escola e como estas influenciam na vida adulta.

Palavras Chave: Infância, Escola, Vivências, Memória Autobiográfica, Jovem Adulto

Abstract

The record of school experiences can serve to describe, characterize and analyze life stories. When the school is remembered, young adults are faced with a content full of colors, sounds and characters that made up what today is a university student with different experiences and responsibilities, which experiences are usually preserved in autobiographical memory. This paper portrays the repercussion of the second and third childhood school experiences in the lives of young university adults, revealing whether these experiences continue to influence the young today. To reach the results, a qualitative research was conducted with ten university students between 20 and 25 years old, enrolled in the courses of a private college in Pernambuco. The results were obtained by analyzing three emerging categories in the discourses: memories of school experiences in childhood; permanence of bonds; and teaching methodologies, which confirmed the importance of school experiences and how they influence adulthood.

Keywords: Childhood, School, Experiences, Autobiographical Memory, Young Adult

Resumen

El registro de las experiencias escolares puede servir para describir, caracterizar y analizar historias de vida. Cuando se recuerda la escuela, los adultos jóvenes se enfrentan a un contenido lleno de colores, sonidos y personajes que conformaron lo que hoy es un estudiante universitario con diferentes experiencias y responsabilidades, experiencias que generalmente se conservan en la memoria autobiográfica. Este documento retrata la repercusión de las experiencias escolares de la segunda y tercera infancia en la vida de los jóvenes adultos universitarios, y revela si estas experiencias continúan influyendo en los jóvenes de hoy. Para alcanzar los resultados, se realizó una investigación cualitativa con diez estudiantes universitarios de entre 20 y 25 años, inscritos en los cursos de una universidad privada en Pernambuco. Los resultados se obtuvieron analizando tres categorías emergentes en los discursos: recuerdos de experiencias escolares en la infancia; permanencia de los lazos; y metodologías de enseñanza, que confirmaron la importancia de las experiencias escolares y cómo influyen en la edad adulta.

Palabras Clave: Infancia, Escuela, Experiencias, Memoria Autobiográfica, Adulto Joven

Introdução

Dados do Resumo Técnico do Censo Escolar da Educação Básica de 2018, disponibilizado pelo INEP por meio da Diretoria de Estatísticas Educacionais, expôs que até então, o Brasil possuía 48,5 milhões de pessoas matriculadas nas 181.939 escolas de educação básica nas esferas públicas e privadas do país. Dessa maneira, através dos números citados, é possível cogitar a dimensão das vivências que se acumulam no cotidiano das escolas para além dos conteúdos didáticos. São vivências que habitam a memória de cada pessoa que teve oportunidade de ingressar nesse ambiente que estimula a curiosidade, a criatividade e a imaginação ao mesmo tempo em que provoca temores e inquietações.

Neto & Santos (2017) pontuam que a escola é um ambiente que o aluno pode ter contato com uma ampla gama de conhecimentos históricos e cientificamente sistematizados. Em complemento, Ferreira *et al* (2009) expõem que o ambiente escolar é um lugar em que se pode refletir sobre os comportamentos e valores presentes nas interações entre as pessoas, sobre como as pessoas se inserem na realidade à sua volta, construindo uma representação subjetiva do mundo. Na contemporaneidade, a escola é o centro de referência mais importante para que o aluno organize a vida, fazendo-se crucial para a sua constituição psicossocial. Sendo assim, o aumento ou a diminuição do tempo em que se permanece na escola influencia às experiências adquiridas na instituição.

Nesse contexto, Santana (2016) retrata que a escola desempenha um papel fundamental na construção e produção da educação. O ambiente escolar propicia vivências e dinâmicas que favorecem e aperfeiçoam os desenvolvimentos humanos em geral, principalmente na fase da infância, por ser através do contato com as aulas, atividades, professores, colegas de sala, funcionários e todo o contexto escolar. Quando se trata de meios sociais é possível enfatizar o ambiente escolar, pois este pode ser considerado o principal lugar para a socialização e formação de vínculos na infância para além do ambiente familiar.

Aquino & Albuquerque (2014) afirmam que a escola favorece o acesso ao conhecimento a todos os cidadãos, além de que a instituição escolar assume diversas funções que extrapolam a dimensão pedagógica, didática e formativa. Há o papel socializador, a função lúdica e a função transformadora, que buscam a inserção dos alunos no mercado de trabalho no futuro.

No cenário escolar é pertinente afirmar que as vivências durante a segunda e terceira infância proporcionam a construção de parte da identidade da pessoa, bem como colaboram no sentimento de pertencer ao mundo. Na escola se pode adquirir modelos de aprendizagem e princípios éticos e morais que podem permanecer durante uma vida inteira. É lá que as pessoas depositam suas primeiras expectativas, dúvidas, inseguranças e perspectivas em relação ao futuro, assim como as potencialidades que reverberam no momento em que as pessoas que um dia foram crianças, tornam-se adultas e ingressam na faculdade, levando consigo experiências e aprendizados para além dos conteúdos didáticos.

A evocação das vivências escolares durante a segunda e terceira infância pode apresentar conteúdos doces ou amargos, mas acima de tudo, conteúdos importantes para o entendimento dos caminhos percorridos pelo universitário ainda muito jovem, porém adulto.

Em concordância a Papalia & Feldman (2013), a divisão do ciclo de vida do ser humano em períodos pode ser tida como uma construção social, pois não há prova concreta de que exista um momento exato que defina quando uma criança se torna um adulto ou um jovem se torna velho. Contudo, pode-se tomar como referência a idade de 3 a 6 anos para a segunda infância, de 6 a 11 anos para a terceira infância, e de 20 aos 25 anos para o início da vida adulta, fases estas que o presente estudo se volta.

Papalia & Feldman (2013) citam que o registro das vivências escolares pode servir para descrever, caracterizar e analisar histórias de vida, e esclarecem que o reconhecimento e a lembrança são tipos de recuperação. O reconhecimento é a capacidade de identificar algo encontrado antes, enquanto a lembrança é a capacidade de reproduzir o conhecimento contido na memória. Compartilhar lembranças é uma das maneiras de reavaliar a vida. A reavaliação de vivências pode ajudar as pessoas a recordarem eventos importantes, podendo motivá-las a reconstruir relações abaladas e concluir tarefas pendentes.

No início da vida adulta, a pessoa se depara com a possibilidade do começo da concretização dos seus sonhos que pode ocorrer por meio das escolhas educacionais e vocacionais, como o ingresso na faculdade. A faculdade oferece ao jovem adulto a oportunidade de aprimorar capacidades que foram aprendidas nas fases anteriores da vida, fazer novos questionamentos e experimentar novas maneiras de ver o mundo.

Montgomery & Côté (2003) alegam que estudantes que se adaptam a novos ambientes, facilmente apresentam aptidões elevadas e boas habilidades para solucionar problemas, tornam-se ativamente envolvidos no ambiente acadêmico e desfrutam de relações próximas, porém autônomas, bem como tendem a se ajustar melhor e a aproveitar ao máximo o ambiente da faculdade, sendo crucial que o jovem adulto tenha a capacidade de construir uma rede social e acadêmica forte entre colegas e professores, assim como na escola.

Globalmente, as pessoas possuem a tendência de armazenar e recordar acontecimentos que de alguma forma ou por alguma razão, marcaram a existência em um determinado momento. Tomando como partida o pressuposto de que o contexto escolar abarca um processo de experiências necessárias para o desenvolvimento do ser humano, já que é nela que a criança satisfaz suas necessidades de conhecimento sobre o universo ao mesmo tempo em que as sociedades se desenvolvem e se modificam, faz-se importante investigar as repercussões das vivências ocorridas dentro da escola durante a segunda e a terceira infância na vida de jovens adultos universitários.

Método

Participantes

Para realizar a pesquisa com o objetivo de investigar as repercussões das vivências ocorridas dentro da escola durante a segunda e a terceira infância na vida de jovens adultos universitários foi realizada uma pesquisa qualitativa, de recorte transversal, na qual se entrevistou dez jovens universitários entre 20 e 25 anos, estudantes dos cursos de Psicologia, Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição e Farmácia de uma faculdade privada de Pernambuco

Materiais

A captação de dados se deu por meio da utilização de uma Entrevista Semiestruturada, com perguntas norteadoras, que foram: “Com quantos anos você entrou na escola e como era o ambiente escolar para você quando criança?”; “Fale sobre as coisas que mais gostava e as que menos gostava na escola durante o ensino infantil e fundamental”; “Você ainda possui vínculos com os colegas de classe do período em questão, ou com professores e demais funcionários?”; “Quais os aprendizados que você carrega consigo que foram adquiridos na escola durante a infância?”; “Quais sentimentos vem à tona quando esse período do passado é recordado?”; “As suas escolhas atuais possuem influências da escola no período da infância?”; “Como o ensino infantil e fundamental repercute no modo como você atua no contexto da faculdade?”.

Procedimentos

As pesquisadoras apresentaram a pesquisa nas salas de aula para os estudantes conhecerem o objetivo da pesquisa. Aqueles que se interessassem e fizessem parte dos critérios de inclusão, que era possuir entre 20 e 25 anos, de ambos os sexos, e cursarem do terceiro ao quinto período dos cursos de Psicologia, Medicina, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição e Farmácia, era marcada entrevista, que se deu de maneira individual, durante uma hora em sala reservada na biblioteca. Todas as entrevistas foram áudio gravadas e transcritas, utilizando nomes fictícios, de acordo com o que foi estabelecido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A coleta dos dados foi realizada em, aproximadamente, três semanas, respeitando-se o período de funcionamento da faculdade.

Procedimento de análise

Os dados qualitativos foram analisados indutivamente através da análise temática de conteúdo, de modalidade temática, segundo Turato. Este é um método que tem grande aplicabilidade e extremamente importante na análise de dados das entrevistas individuais. A análise qualitativa do conteúdo das entrevistas, a partir da análise temática de conteúdo, contou com as seguintes fases: a. leitura flutuante para compreensão global do conteúdo e início de familiarização com este; b. seleção das unidades de análise a qual foi norteadas pelos objetivos propostos pela pesquisa; c. processo de categorização e subcategorização como forma de agregar temas que apresentem similaridades e transmissão de significados e conhecimentos relativos à pesquisa (Turato, 2003). Para compreensão das categorias elencadas e discussão dos dados, foi utilizado o referencial teórico da Psicologia do Desenvolvimento, especificamente com os estudos de Papalia e Feldman (2013). No intuito de garantir maior confiabilidade ao estudo, contou-se com a participação de três pesquisadoras que formularam as categorias e os respectivos temas que foram analisadas.

Resultados & Discussão

Os resultados e discussão a seguir serão expostos seguindo as normas da Revista Psicologia: Teoria e Prática, Qualis A2, escolhida por ser responsável pela publicação de artigos com temas pertinentes ao âmbito da Psicologia, em especial a Psicologia Escolar na qual o presente estudo baseou suas fontes.

Memórias: A escola como um espaço rico em vivências que perpassam as fases da vida

Por meio do discurso das pessoas entrevistadas, pode-se afirmar que um ambiente escolar deve ser atrativo e acolhedor para as crianças, seja na estrutura física ou no modo de aplicar as aulas. Uma das formas de unir o aprendizado e com o interesse da criança em permanecer na escola é através da utilização de recursos lúdicos, como foi retratado nos seguintes recortes de falas:

Elisa, 20 anos: *“... era uma escola que tinha uma aparência de casa... assim... era bem confortavelzinha [...] tinham várias áreas divididas, uma biblioteca, e na área infantil tinha muita coisa pra brincar...”*

Fernanda, 20 anos: *“Tipo, eu gostava muito da minha escola, era uma escola que nos intervalos a gente sempre se reunia e conversava, tipo, fazia várias coisas, sabe?! Éee... tipo, é, as pessoas lá eram muito comunicativas, não tinha problema com nada.”*

Gabriele, 25 anos: *“Meus pais sempre tiveram preferencia de escolas pequenas porque pra que eu tivesse maior conhecimento de todo mundo, que os professores me conhecessem.”*

As participantes Elisa, Fernanda e Gabriele optaram por falar do ambiente físico ao lembrarem da escola. Pode-se perceber essas narrativas vão ao encontro da proposição interacionista que considera que o ambiente escolar, em especial no ensino infantil em que a maioria das crianças estão tendo a primeira experiência dentro da escola, deva ser um ambiente acolhedor, tanto da parte do corpo de funcionários, como da estrutura física da escola, proporcionando uma fácil adaptação da criança ao meio, que possibilitará em melhores resultados na aprendizagem.

Falar do mundo escolar é mexer nas memórias do passado de relações. Sobre esse passado, Pinho, Oliveira & Fonseca (2016) compreendem a memória autobiográfica ou memória do passado pessoal em duas categorias de informação: o conhecimento de fatos da própria vida, como o nome da primeira escola, por exemplo, e o conhecimento de aspectos específicos de vivências passadas, como por exemplo, o que gostava de fazer em determinada aula. Contudo, como expressam Pasupathi & Wainryb (2010), o sentido de identidade proporcionado pela memória não se pode basear apenas em fatos ocorridos, mas depende, também, dos pensamentos, emoções e metas do indivíduo que tornam a experiência passada significativa.

Contudo, algumas entrevistadas abordaram acerca das dificuldades nos primeiros contatos com o ambiente escolar, como pode-se perceber em:

Hilda, 20 anos: *“... acho que eu entrei cedo (na escola) porque minha mãe era professora, aí eu entrei no colégio que ela ensinava. No começo acho que era bem estranho... estranhei muito. [...] Eu acho que ficava (na escola) por saber que minha mãe tava perto de mim, mesmo em outro canto da escola.”*

Iara, 20 anos: “... é sempre angustiante, né?! quando a gente sai do seio familiar e entra no ambiente escolar, porque é um mundo totalmente diferente, e á primeira inserção assim, na sociedade para além da família, né?! então causa um desesperozinho, por isso eu chorava muuuuito e tal.”

Para Borsa (2007), a criança, quando nasce, já é membro de um grupo social, pois suas necessidades básicas estão inevitavelmente ligadas às outras pessoas e estão programadas para serem satisfeitas em sociedade.

As vivências desde o ingresso do indivíduo na instituição escolar são de grande importância na formação do cidadão. Souza & Pedon (2007) são citados por Leite & Carvalho (2016), nos quais afirmam que o fato de um indivíduo estar num determinado lugar e em um determinado tempo, faz com este mesmo indivíduo participe de redes de sociabilidade que lhe permitem construir seus referenciais com o qual ordena o mundo. A afirmação dos autores pode ser refletida nas expressões:

Aldo, 24 anos: “... eu acho que essa experiência do colégio é uma experiência real. E era um colégio filantrópico, né?! Então quem estudava lá eram pessoas pobres, e eu não sou pobre, então acho que esse contato com meus amigos me deu uma formação do que é real e do que é dinheiro e ter dinheiro, sabe?! [...] depois eu saí de lá, fiz meu ensino médio em Goiana, e lá eu não conseguia fazer amizades, não conseguia sentir autenticidade em nada nesse colégio. O outro marcou nesse sentido.”

Por meio do recorte de fala de Aldo, é possível afirmar que as vivências em uma escola com uma pluralidade de pessoas em distintas classes sociais interagindo sem que haja barreiras de hierarquias advindas de poder aquisitivo, é crucial para a formação do modo como o indivíduo irá interagir em ambientes de aprendizagem mais complexa, como as escolas de ensino médio e universidades.

Além de um espaço plural e justo, a escola precisa oferecer para seus membros atividades que vão além dos conteúdos didáticos, como é enfatizado por Marques & Castanho (2011), em concordância com Vigotsky (1998), ao explicarem que a partir de uma visão social e crítica do desenvolvimento humano, entende-se que o ambiente escolar, ao oferecer tarefas de ingresso ao mundo cultural, profissional e social, provoca o desenvolvimento das crianças em direção a estágios mais elevados da vida, tendo a intervenção pedagógica como fundamental para provocar os avanços que não ocorreriam espontaneamente. Acerca do que carrega consigo das vivências escolares durante a infância, as entrevistadas expressaram:

Clara, 20 anos: *“... talvez um pouco de frustração, porque eu sempre tentava dar o máximo de mim, mas nem sempre refletia na nota (pausa). Eu também associo muito a felicidade pela questão da amizade, dos amigos, pela presença deles...”*

Brenda, 20 anos: *“... eu vejo nos meus primos mais novos essa “nóia” muito grande de “eu tenho que estudar para passar no vestibular” e tipo, eu nunca tive isso em mim, eu sempre fui tipo “não, você vai estudar porque você precisa aprender português pra falar e escrever, e matemática pra contar o básico, o mínimo...” sabe?”*

Por meio das falas expressadas por Clara e Brenda é possível refletir que os jovens estão cada vez mais cedo sendo incentivados para passar no vestibular, comparando-se com os pares por meio de notas baseadas em provas de conhecimentos que, muitas vezes, são adquiridos de forma mecanizada e sem objetivos claros de como se aplicarão ao decorrer da vida. É comum avistar *outdoors* com fotografias de alunos acompanhados de frases como “passou em primeiro lugar” e “aluno nota 10”. A situação em questão pode gerar sentimentos que alavanquem o desejo de se dedicar integralmente aos conteúdos didáticos, mas também pode despertar frustração no aluno que não consegue alcançar os objetivos cobrados.

Abed (2016) cita que o ato de aprender envolve não só aspectos cognitivos, mas também emocionais e sociais. Compreender tais aspectos podem contribuir com a melhoria do desempenho escolar e vida futura dos estudantes, permitindo construir caminhos que promovam o desenvolvimento, aprimoramento e consolidação de uma educação de qualidade.

Com a afirmação do autor e as falas das entrevistadas, pode-se dizer que para a formação de um indivíduo crítico e transformador, não basta um ensino que incentive apenas o aprendizado por meio de notas, mas sim que exista aprendizagem considerando o aluno em sua forma integral, como um ser biopsicossocial, visando não somente seu desempenho em provas, como também sua criatividade, suas habilidades e suas potencialidades individuais.

Vínculos sociais formados durante o ensino infantil e fundamental

O ingresso na instituição escolar acarreta na formação dos primeiros vínculos sociais para além do ambiente familiar. Vínculos estes que possuem relação direta com a adaptação na escola, com a aprendizagem e com o modo pelo qual a criança interage com a comunidade escolar e com o meio social como um todo. São vínculos que podem perpassar por toda a vida do indivíduo, como é possível perceber nas falas:

Brenda, 20 anos: *“... eu sempre gostei de criar esses vínculos porque eu acho que, caramba, você passa tanto tempo dentro de uma sala de aula com um professor... você tem que saber quem é aquela pessoa no mínimo, sabe?!”*

A fala de Brenda ilustra o que Sena & Souza (2015) expõem sobre os vínculos formados durante a infância, em termos de amizade, que tem sido objeto de estudo há décadas. Essas relações possuem grande potencial para promover ou inibir o desenvolvimento infantil saudável, bem como influir na adaptação social da criança, que se reflete em todo ciclo vital.

Contudo, é comum que em um ambiente diversificado como a escola, situações negativas surjam. Portanto, é preciso que os profissionais se atentem ao modo como os alunos interagem para que possa prevenir ou minimizar problemas de relacionamentos dentro da instituição, que podem acarretar em sequelas para toda a vida como pode ser notado no seguinte recorte de fala:

Diogo, 23 anos: “... eu gostava da minha turminha e da minha turminha apenas! Porque uma coisa ruim no (nome da escola 2), era a formação de grupos, era pesado, com esses grupos não tinha “intercomunicância”.

Quanto à manutenção dos vínculos, emergiu durante as entrevistas um fator crucial: a internet:

Elisa, 20 anos: “... todos os meus amigos eu tenho vínculo. Agora de bem pequenininha, eu só vejo, assim, às vezes, em alguns lugares, mas não tenho nenhum contato meesmo. [...] eu tenho eles no meu (nome da rede social), às vezes falo com eles.”

Fernanda, 20 anos: “Eu tenho ainda vínculo com os professores, eu converso, até porque uma delas era a minha tia. Com meus amigos eu também converso, alguns, né?! A maioria, não sei (voz baixa)... É mais online, mas eu vou nos finais pra lá (para a cidade em que viveu nos tempos de escola), aí eu vejo eles (risos)”

Vermelho, Velho, Bonkovoski & Pirola (2014) mostram que as novas tecnologias permitiram a criação de meios de comunicação mais interativos, liberando os indivíduos das limitações de espaço e tempo, tornando a comunicação mais flexível. Os autores concordam com Branco & Matsuzaki (2009), que defendem que o ser humano é, antes de tudo, um ser social e resguardam-se que as redes sociais são ferramentas que estão potencializando essa tendência e alterando completamente as possibilidades de comunicação.

Por meio das expressões de Fernanda e Elisa reforça-se que os vínculos formados na infância são importantes na construção social do indivíduo. Nos tempos atuais, com o avanço da tecnologia, existe a possibilidade de manter contato com pessoas que devido a limitação de espaço e de tempo. Nesse contexto, internet torna a comunicação mais flexível para a manutenção dos vínculos.

Os métodos de ensino

Nas entrevistas foram trazidas diferenciações entre o método tradicional de ensino, popularmente conhecido como algo monótono, em que o aluno é quase ou totalmente passivo no processo de aprendizagem, e o método de Aprendizagem Baseada em Problemas – ABP, em que o aluno é ativo e responsável pela construção do seu conhecimento, bem como dos demais, já que é um método de ensino que baseia-se na interação de grupos.

Borochovcicius & Tortella (2014) concordam com Pereira (1998) ao citarem que para que a aprendizagem ocorra, ela precisa ser necessariamente transformacional, exigindo do professor uma compreensão de novos significados, relacionando-os às experiências prévias e às vivências dos alunos, permitindo a formulação de problemas que estimulem, desafiem e incentivem novas aprendizagens. Nesse contexto, surge a possibilidade da aplicação da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) com o propósito de auxiliar o discente no conhecimento do conteúdo teórico, fortalecer a sua capacidade de resolver problemas e envolvê-lo no aprendizado, como também concorda Levin (2001).

A metodologia ABP é utilizada pela faculdade privada, lugar que se deu o presente estudo, em todos os cursos de graduação. Quando ao método em questão foi trazido:

Brenda, 20 anos: *“É, eu acho que por eu sempre ter estudado em escolas com turmas pequenas na minha infância, a gente sempre levou tudo Muito no diálogo, sabe? e eu acho que isso (a escola) é meio que a base do que a gente faz aqui nessa faculdade.”*

O método ABP, como foi ilustrado pela participante Brenda, é considerado um método bastante dinâmico de ensino, que facilitou a adaptação de Brenda enquanto universitária, todavia a tendência a lidar melhor com métodos dinâmicos surge desde a escola, como foi expresso.

Sobre a ligação entre o modo de aprendizado na escola com o da faculdade, em específico o método ABP, foi dito:

Iara, 20 anos: *“... como o método daqui é diferenciado, a gente estuda em grupo então na minha escola tinha muito isso de trabalho em grupo e sei lá vai fazer um trabalho e divide os grupos, vai para casa dos colegas e faz os trabalhos em grupo e tal então acho que isso é uma coisa que tenho até hoje na faculdade.”*

Contudo, não é apenas no método ABP que as faculdades devem se preocupar com o desenvolvimento e bem estar integral do aluno, pois como expressa Santos (2000), as universidades precisam se preocupar com o jovem adulto universitário, promovendo condições para o seu desenvolvimento integral e tentando desenvolver suas potencialidades ao máximo para estar preparado para um papel atuante na sociedade.

Por outro lado, Juliana que sempre estudou em escolas com métodos tradicionais de ensino alegou:

Juliana, 20 anos: *“É, assim, em relação ao método (ABP), hoje é algo que me incomoda muuuuito porque como a gente cresceu e foi alfabetizado, terminou o ensino médio, com o método tradicional de ensino, quando vem pra cá, é sempre um choque. [...] eu sou uma pessoa muito ativa, mas o meu ativo é de ter alguém perto, eu pego muito fácil algo que alguém tá falando.”*

Almeida, Pinto & Lima (2018) mostram que de acordo com Santos (2000), em um mundo extremamente competitivo, em teoria, as universidades precisam se preocupar com o jovem adulto universitário, promovendo condições para o seu desenvolvimento integral e tentando desenvolver suas potencialidades ao máximo para estar preparado para um papel atuante na sociedade.

Brenda e Iara sinalizaram que não tiveram dificuldades em relação ao método ABP devido ao modo de aprendizado aplicado pelas suas respectivas escolas antigas, o que facilitou em relação ao trabalho em grupo e no modo ativo de ser dentro da faculdade. Já Juliana, por ter experienciado a aprendizagem através do método tradicional de ensino, em que o aluno é quase ou totalmente passivo em sala de aula, algo que para ela não foi algo negativo, a adaptação ao ABP não foi um processo fácil. Nesse cenário, faz-se necessário uma atenção integral e compreensão da subjetividade dos alunos, sendo importante um suporte de equipe profissional para além do corpo de professores ou tutores, como por exemplo, a presença de um setor de Psicopedagogia, que poderá auxiliar os alunos em suas inseguranças e dificuldades de adaptação ao método ABP, e melhor trabalhar suas potencialidades.

Considerações Finais

Afirma-se que as vivências escolares durante a segunda e a terceira infância repercutem no modo como o jovem adulto atua no contexto da faculdade, assim como na vida como um todo. Ao término e análise de todas as entrevistas foi possível perceber o consenso de que a escola de ensino infantil e fundamental, quando adota métodos de ensino mais dinâmicos e que possuem um corpo de membros que se comunicam e criam vínculos, proporciona ao aluno um ambiente atrativo, de fácil adaptação, contribuindo na formação de como a criança lidará com o mundo a sua volta. Percebeu-se também que escolas menores em estrutura física, causaram um impacto positivo maior na vida dos entrevistados se comparados aos discursos dos ex alunos de escolas fisicamente grandes. Os jovens que estudaram em escolas pequenas recordaram com bastante carinho o modo como estas escolas tratavam os pequenos alunos e formavam relações de afeto. Quanto à repercussão das vivências escolares durante os primeiros anos de escola, na vida do jovem universitário, houve em sua maioria comparações ao método ABP, embora este não tenha sido falado pelas autoras da pesquisa. Os entrevistados que abordaram o método ABP em seus discursos ilustraram de forma positiva o modo como se adaptaram ao método utilizado pela faculdade em que a pesquisa ocorreu, quando desde cedo trabalharam-se questões interativas e lúdicas na escola. Todos os entrevistados abordaram sobre o contato social que havia entre colegas ou com professores e funcionários da escola, e de alguma forma mantem-se vínculos até nos dias atuais, embora não fortalecidos.

Por fim, o objetivo de investigar as repercussões das vivências ocorridas dentro da escola durante a segunda e a terceira infância na vida de jovens adultos universitários foi contemplado, percebendo-se que as lembranças que surgem em primazia são das amizades e das brincadeiras que vão além dos conteúdos didáticos aplicados em sala.

Referências

Abed, A. L. Z. (2016). O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. *Construção psicopedagógica*, 24(25), 8-27.

Aquino, F. S. B; & Albuquerque, J. A. (2014). O que pensam as crianças sobre a escola? Uma análise de relatos e desenhos infantis. Em: R.S.L, Guzzo(Org), *Psicologia escolar: Desafios e bastidores na educação pública* (pp. 55-83).

Borochovcicius, E; Tortella, J. C. B. (2014). Aprendizagem Baseada em Problemas: um método de ensino-aprendizagem e suas práticas educativas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 22(83), 263-294.

Borsa, J. G. (2007). O papel da escola no processo de socialização infantil. 2007. 5 f. Dissertação (Dissertação de Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS.

Cavaliere, A. M.. (2007). Tempo de escola e qualidade na educação pública. *Educação & Sociedade*, 28(100), 1015-1035.

Leite, L. H. A; Carvalho, P. F. L. (2016). Educação (de Tempo) Integral e a Constituição de Territórios Educativos. *Educação & Realidade*, 41(4), 1205-1226.

Marques, P. B; Castanho, M. I. S. (2011). O que é a escola a partir do sentido construído por alunos. *Psicol. Esc. Educ.* 15(1), 23-33.

Montgomery, M. J; Côté, J. (2003). *College as a transition to adulthood*. Malden - MA: Blackwell.

Neto, L. I; Santos, H. B. (2017). Investigação das memórias escolares de estudantes universitários. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(3), 561-571.

Papalia, D; Feldman, R. (2013). *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre-RS: Artmed.

Pinho, M. S., Oliveira, M., & Fonseca, A. C. (2016). A consistência das memórias da infância [The consistency of childhood memories]. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-9.

Sena, S. S; Souza, L. K. (2015) O TDAH na amizade infantil. *Rev. Interinst. Psicol*, 8(2), 320-331.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Rio de Janeiro: Vozes.

Vermelho, S. C; Velho, A. P. M., Bonkovoski, A; Pirola, A. (2014). Refletindo sobre as redes sociais digitais. *Educação & Sociedade*, 35(126), 179-196.

Anexo

Revista Psicologia: Teoria e Prática

ISSN 1516-3687 *versão impressa*

ISSN 1980-6906 *versão online*

A Revista Psicologia: Teoria e Prática do Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento e do Curso de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Presbiteriana Mackenzie é um veículo de difusão científica que tem como objetivo publicar trabalhos inéditos em Psicologia.

As normas gerais para publicação de artigos originais baseados em dados empíricos na revista em questão consistem em: são limitadas 25 páginas, que devem incluir todas as partes do artigo, inclusive referências, tabelas e figuras se houverem. Número máximo de 20 referências. Seguir a estrutura: Introdução (não subdividir em tópicos); Método (identificar subseções); Resultados/Discussão; Conclusão e Referências.

Contagem das páginas: Se inicia a partir da Introdução e terminará contando as tabelas e figuras (quando houver) ao final do artigo, depois das referências.

Resumo/Abstract/Resumen: Com, no máximo, 150 palavras nos três idiomas. O resumo deve conter uma apresentação breve, mas precisa do conteúdo do artigo contemplando os principais itens na ordem em que eles aparecem no texto. São necessárias cinco palavras-chave em cada um dos idiomas do resumo.

Corpo do texto: Não devem aparecer os nomes dos autores. Todos os artigos devem ser digitados em processador de texto Word for Windows, com espaço duplo, na fonte Times New Roman, com corpo 12, sem exceder o número de páginas. A página deve ser configurada em A4. O texto deve ser alinhado à esquerda, não justificado. Recue apenas a primeira linha do parágrafo. É proibido o uso de recursos especiais de edição de tipo sublinhado, hifenização e macros.

Referências: Seguir normas da American Psychological Association (APA) – 6a ed. Listadas por ordem alfabética de sobrenome dos autores. Os trabalhos de mesmo autor único são ordenados por ano de publicação (começando pela mais antiga).

A Revista Psicologia: Teoria e Prática detém os direitos autorais de todas as matérias publicadas por ela. A reprodução total ou parcial dos artigos desta revista em outras publicações requer uma autorização escrita do Editor.